

Hugo, talvez eu esteja sofrendo muito. Não há um dia que eu não chore pela morte do meu filho. Sinto tanta falta dele e da minha família. Vocês são as únicas pessoas que consigo ter algum contato com o mundo do lado de fora. Não tenho acesso à informação, não sei o que está acontecendo, mas tenho me agarrado em Deus para conseguir suportar o insuportável.

Meu coração sangra quando as lágrimas assam. Sempre fui uma pessoa boa e não mereço estar sendo condenada por um crime que eu não cometi. Nunca adobrei maldade ou crueldade em relação ao Henry. Nunca encostei um dedo nele, nunca bati no meu filho, eu fui a melhor mãe que ele poderia ter tido. Minha vida hoje não faz mais sentido algum. Eu não sabia, mas estava sendo manipulada durante todo o tempo em um relacionamento que me oprimia e eu não sabia como sair. Meus pais são pessoas boas, humildes, com caráter, mas não têm outro lugar para ficar. Temo pela vida deles! Papaiinho emprega mais de uma centena de pessoas, é influente, conhece as pessoas mais ricas desta cidade, têm informações privilegiadas e comandam muita coisa em nosso bairro. Eu tentava a todo custo me afastar e me desvincular dele, mas fui diversas vezes ameaçada, e minha família também. As únicas pessoas que sabiam era a minha amiga Rafaela Amaral, a irmã dela Michele e a psicóloga Erica Mamed, que foi a Michele e a Rafa que me falaram para eu procurar uma peça minha e acabou que encontrei a

Érica (indicação da Thainá - babá) para que o Henry fizesse o acompanhamento dele (que era para imprimir o término da separação) e após a sessão dele, eu quem era atendida (para que eu pudesse ser tratada também).

~~Eu~~ Conheci o filho em um período que eu estava muito fragilizada. Ano de pandemia, eu e meu marido estávamos vivendo sob o mesmo teto, porém em crise. Mal nos falávamos, ele fazia 15 reuniões por dia, não dava atenção nem para mim e nem para o Henry. Não trocávamos carinho, não tínhamos mais relação e nem conversávamos mais. A gente só sabia brigar, discutir e nos desentender, e infelizmente o Henry presenciava tudo. Eu estava sobrecarregada com os afazeres domésticos, pois morávamos em uma cobertura no Recreio grande, onde eu fazia tudo sozinha. Eu que limpava, cozinhouva, cuidava do Henry, brincava com ele, fazia os trabalhinhos com ele e não tinha ajuda do Reniel.

Pedi muito que tudo fosse diferente, que ele pudesse dar mais atenção a nós, mas ele dizia que o trabalho estava puxado demais. Eu também trabalhava, mas eu tinha que dar conta de tudo. Foi quando decidi separar! Como ele não saiu de casa, eu tive que pegar meu filho e carregar comigo, pois eu tinha uma casa no terreno dos meus pais que construímos no início do relacionamento, quando ele ficou desengradado. Meus pais sempre o acolheram como um filho e Reniel sempre foi muito amado por toda a minha família. Infelizmente, hoje vi que tomei uma atitude errada. Daria qualquer coisa para ter minha família de volta, acordar vendo o meu filho sorrir, acompanhar o desenvol-

vimento dele, receber seu varinho diário, ouvir dezenas de vezes de como eu era linda, contar todas as histórias de monstros, castelos e príncipes, ver ele escrevendo suas primeiras palavras, correndo pelo quintal atrás da Olívia, andando de patinete... Só Deus sabe e pode mensurar a dor e o luto que existem em meu coração.

Fairinho chegou em minha vida, neste momento. Nos conhecemos pelo Instagram e no dia 31/08/20 fomos almoçar em um restaurante na Barra. Um homem inteligente, charmoso, persuasivo, influente, na véspera de começar sua campanha eleitoral. Conversamos sobre os problemas da minha comunidade, onde eu era diretora de uma escola pública Municipal no Bairro de Senador Lamarão desde 2018, mas onde eu lecionei desde 2011 para crianças. Eu cuidava de 400 crianças, cuidava de suas famílias, cuidava dos meus funcionários e cuidava do interior do colégio, como das próprias instalações da Unidade Escolar. Já denunciei maus tratos no conselho tutelar regional de Barque, já levei muitas vezes meus alunos na clínica da família para serem atendidos, já fiz encaminhamentos para assistente social acompanhar famílias. Minha vocação sempre foi cuidar de crianças e de pessoas. Camsei de colocar dinheiro do meu próprio bolso para que não faltasse para os meus alunos. Quem trabalhou comigo, sabe a pessoa que eu sou e quem sempre fui.

Depois de duas horas de almoço, marcamos de almoçar

de novo para continuarmos o assunto. Na quarta feira, pré impeachment do Prefeito Lívella, ele estava comigo de novo, interessado em saber mais da minha vida, do que eu gostava e deixava tudo de lado para me ouvir, apenas.

Em Setembro eu e Keniel nos divorciamos, ~~mas ele~~ mas ele tinha carta branca para ver o Henry quando e como quisesse. Foi em meados de Setembro, que Jairinho me pediu em namoro, mas disse que ele era um homem politicamente exposto e se eu quisesse ter um relacionamento sério com ele, eu deveria me encaixar em alguns quesitos.

Minha mãe não aceitava o fim do meu casamento e não aceitava o início do outro. Dizia que ~~se~~ eu estava terminando, que eu fizesse dar certo. Então me esforcei muito para fazer dar certo, até porque eu tinha um filho de 4 anos e não queria ficar apresentando várias pessoas ao meu filho, só quando tivesse certeza.

Subtilmente, Jairinho começou me pedindo para apagar muitas fotos do meu Instagram, que eu não poderia ter minha exposição, que muita gente poderia ter uma visão diferente do que eu era e não vi nada demais e apaguei.

Depois ele começou a pedir que eu parasse de responder mensagens de amigos homens, então eu parei.

Depois ele começou a pedir que eu bloqueasse esses amigos para que não tivessem acesso a mim, assim eu fez.

As campanhas então começaram e não nos víamos com tanta frequência, ele me ligava por dia pelo menos umas do (vinte vezes), colocou localizador no meu telefone e sempre pedia que eu mandasse foto. Minha vida era: Henry, Trabalho e uma hora que eu tirava para ir treinar na academia (eu tinha uma babá, Glauciene, que trabalhou para mim na casa dos meus pais, até Henry falecer).

Fizinho começou a ter ciúme de eu ir na academia e até colocou gente para me seguir e tirar foto de mim malhando para saber com qual roupa eu estava indo treinar.

Daí, os ciúmes foram só piorando... e ele começou a ter muito do Leziel. Após depois que nos separamos, Leziel voltou para a igreja e estava tentando consertar a parte que lhe cabia e começamos a conseguir voltar a nos falar - mas melhor e sem brigar.

No final de Outubro eu e Henry estávamos almoçando no Barbra Shopping e ele me ligou dizendo que tinha visto meu localizador e resolveu aparecer de surpresa. Fiquei com receio pelo Henry, mas ele estava cheio de brinquedos e pensei que nem fosse notar. Mas quando Fizinho chegou, a primeira coisa que Henry perguntou, foi quem ele era. E eu respondi que ele era o médico da Mamãe. Então meu filho perguntou:

- Mamãe, posso dar um abraço apertado no seu médico?
Só de lembrar dessa cena, meu coração aperta, dói... Meu menino era uma criança muito boa, muito amável e ali (3)

eles se abraçaram, fizeram desenhos de animais, brincaram de mágico e foi um encontro perfeito. Meu filho ficou falando dele sem parar e meu coração se encheu de felicidade e esperança pela acitação do meu filho com ele.

Assim, ele começou a nos visitar com mais frequência, levava presentes pro Henry, chocolates, brincávamos e aos finais de semana, Leziel começou a pegar o Henry. Mas meu filho começou a voltar confuso dos finais de semana, perguntando ao Henry quem era o médico da mamãe, qual o nome, o que nós fazíamos e Henry começou a ler uma carta veísta-ria para ir ver o pai. Mesmo assim, eu e minha família dávamos todo o suporte para o Henry não ficar confuso e começamos a conversar mais com o Leziel para não confundir a cabeça do meu filho.

Vésperas de ganhar a eleição, Jairinho disse que já tinha 42 anos, que não tinha idade e nem tempo para desperdiçar, que queria me apresentar aos filhos dele (que são 3), que iria alugar um apartamento para morarmos e iniciarmos uma família. Falei que era muito cedo, que mal nos conhecíamos, que acitaria se fosse mais pra frente. Então ele ganhou e começamos a escolher o lugar onde moraríamos. Mas com uma condição: Que eu me divorciasse no papel!

Então pedi para Leziel entrar com ação do divórcio e da guarda do Henry e depois dividiríamos nossos bens,

que eram 5 apartamentos no Itauhaugá, um terreno em L'Argem Grande, a parte da casa onde morávamos, nossos móveis e o nosso carro. Mas faírinho disse pra eu não me preocupar com os bens, que nada faltaria para mim e para o Henry.

Só que o divórcio demora, eu estava sendo pressionada e ele estava brigando muito comigo.

Passei a ter crises de ansiedade com tantas cobranças e picos de pressão e ele começou a me receitar ansiolítico e remédio pra dormir (vibotril de Long e Patz).

Fui de postar minhas fotos na academia, tive que mudar meu guarda roupa, pois as roupas que eu deveria usar, deviam ser mais discretas. Sempre fui vaidosa, mas comecei a frequentar mais os salões de beleza para estar sempre com cabelo e unhas feitas e estar mais bem apresentável, ele começou a implicar com meu trabalho, pois lá o sinal de telefone quase não pegava e ele ficava sem ver minha localização e se eu estava realmente trabalhando e falando a verdade.

Eu fazia de tudo para agradar e me encaixar nos quesitos da mulher perfeita, namorada de uma pessoa "politicamente correta", mas mesmo assim era muito difícil.

No começo de Dezembro ele foi encontrar uns amigos brasileiros para conversarem de trabalho e passou a hora. Eu e Henry estávamos em Bangue, nos meus pais, mas a minha casa tem a mesma entrada pelo portão dos meus pais, mas não precisa passar por dentro. Henry pediu para dormir, eu tomei meu remédio, coloquei o telefone

celular no silencioso, enviei uma mensagem dizendo que ia dormir, era por volta de 23:00 e assim eu fiz. Minha porta na época não trancava, então eu dormia com ela destrancada.

Lembro de ser acordada no meio da madrugada, sendo enforcada enquanto eu dormia na cama ao lado do meu filho. Quase sem ar, ele jogou o telefone em cima de mim, perguntando, me xingando e me ofendendo do porquê eu não estava atendendo ele e do porquê eu tinha respondido uma mensagem do Leviel (onde eu o chamava de "Le" e ele me chamava de "Nique". Ou seja, ele pulou o muro da minha casa (dos meus pais), invadiu a casa deles, invadiu minha casa, leu minhas mensagens do meu celular (pois ele tinha minha senha, mas eu não tinha a dele) e por um ataque ridículo de ciúme com meu ex marido, me enforcou dormindo. Implorei que ele fosse embora, mas ele não ia, ele estava transtornado e desfigurado com raiva de mim. Eu pedi desculpas, disse que não chamaria mais o Leviel de "Le" e no dia seguinte conversaríamos.

No dia seguinte ele pediu desculpas, disse que me amava muito, que eu era muito bonita pra ele, que tinha muito ciúmes pois ele sabia que o Leviel era ciúdo pra voltar pra mim e que naquela semana ele iria alugar nosso apartamento para não existir mais briga e nem

desconfiança. Ele queria alugar uma cobertura em frente à Praia, mas não tinha infraestrutura para criança. Então ele me deu algumas opções e eu escolhi o condomínio Cidade Jardim (que tinha piscina, brinquedoteca, parquinho, muitos apartamentos familiares com muitas crianças, comércio ao lado, campo de futebol em frente, uma escola cristã maravilhosa na esquina e ao lado da Transolímpica, caso eu precisasse ir ver meus pais rápidos. Tudo pensado exclusivamente no melhor lugar onde eu achava que Henry seria mais feliz! Parecia um sonho se concretizando, mas foi o início de um pesadelo (só que eu não sabia).

Ele alugou o apartamento com os móveis e eu levei todas as minhas coisas para completar. Meus pais compraram todos os móveis do quarto do Henry e antes do Natal, finalmente conheci a filha dele e no Ano Novo conheci o filho mais novo. Henry viajou junto para a casa de praia dele em Mangaratiba e amou o filho dele. Foi uma viagem maravilhosa.

Finalmente nos mudamos em Janeiro, Henry estava empolgado com a casa nova, feliz e eu estava realizada. Pois tudo que eu queria dar ao meu filho eu finalmente poderia dar. A irmã dele, Thalita contratou nossa empregada Rosângela (que era passadeira a anos para os pais dele) e contratou a babá Thainá para me ajudar com o Henry (que trabalhou ela e o noivo em diversas campanhas de vários anos do fairinho e onde a mãe da Thainá era ⑤

babá do filho da Thalita). Eu aceitei por não ter indicações, e mesmo não sendo pessoas conhecidas minhas, eram pessoas de confiança delas.

Mantive a Glauciene, que era a babá de Bangu pois o Henry passava a metade do tempo comigo e a outra metade do tempo em Bangu e Leziel ia pra minha antiga casa (na casa dos meus pais) pra passar os finais de semana com o filho.

Mas houve um final de semana em que Leziel foi entregar o Henry no domingo e me pediu pra chamar o fãrinhão pra conversar. Assim eu fiz, ele desceu e Leziel disse que não queria que fãrinhão desse abraço no Henry, porque ele tinha reclamado que o tio tinha dado um abraço muito forte e que tinha apertado ele demais. Assim, fãrinhão concordou e eu comecei a observar, mas achei descabido o comentário do Leziel pois Henry era um menino que verbalizava tudo e não tinha feito essa reclamação pra mim. E tudo, Henry reclamava pra mim.

Achei que fosse ciúmes do pai por ter uma nova figura masculina na casa que pudesse substituir ele.

Mas um pai e uma mãe, que fazem de tudo por um filho e pelo seu bem estar, são insubstituíveis e eu comecei a explicar melhor, tanto para o Henry, quanto para o Leziel, para que ele acalmasse seu coração.

Mas fãvriinho começou a se distanciar um pouco do Henry e Henry começou a ser mais reativo em relação a presença dele em casa, que trabalhava o dia inteiro e chegava em casa por volta das 18:00 hr todos os dias.

Henry dormia comigo desde sempre, na mesma cama desde que era bebê, mas agora tinha um quarto só pra ele.

Comprei duas bicamas de madeira para começar a dormir com ele e começar a se acostumar com o quarto novo e na primeira noite que fui dormir com meu filho, foi uma briga danada, pois Henry acordava muito de madrugada e gostava de dormir cedo (um ou dois hrs). fãvriinho não concordava em que eu ficasse a noite toda dormindo com ele, achava que eu tinha que colocar ele pra dormir em seu quarto e voltar para o meu. Se Henry acordasse, que viesse até o nosso quarto para dormir comigo. Então para evitar mais brigas, discussões e xingamentos, comecei a implorar pela ajuda do meu pai para que se revezasse quando pudesse para me ajudar nesta transição.

Meu filho era minha prioridade, mas fãvriinho sempre me convencia de que eu fazia todas as vontades do meu filho e que eu o mimava muito, que estava estragando ele.

Eu vivia para o meu filho, trabalhava de casa de forma remota, mas com todas as desavenças entre eu e fãvriinho (por ciúme de tudo) conseguia ter uma estabilidade maior e aceitava e engolia os desaforos pois finalmente con-

seguir proporcionar uma vida melhor para o Henry. Ou
era o que eu achava... Eu tinha tempo para o meu filho,
tinha empregada, tinha babá para me ajudar, matriculei
o Henry em uma escola cristã particular bem
conhecida da região, coloquei Henry na psicóloga
para acitar o término do casamento e a única que
sofia algum tipo de retaliação era eu, mas eu queria
fazer dar certo. Meu sonho era que Henry fosse médico,
então ele precisaria de um bom preparo desde pequeno
para que fosse um bom profissional no futuro, pois
valores e educação, ele já tinha de casa... E amor nunca
faltou!

Um dia, enquanto eu estava cozinhando o jantar,
Henry estava na sala vendo televisão quando ~~quando~~
faixinho chegou do trabalho, por volta de 19:00 hrs. Foi
no mês de janeiro e as aulas ainda não tinham comen-
çado, se não me engano. Henry veio correndo até a cozinha,
uns 15 minutos ^{depois} que faixinho chegou, dizendo que o tio
tinha dado uma "banda" nele e uma "moca". Fui até a
sala perguntar o que tinha acontecido e faixinho disse
que ele era um "bobalhão", que segurou ele pelos braços
brincando e passou a perna, mas que Henry nem caiu, pois
ele estava segurando-o, aí Henry disse pra ele que ia con-
tar pra mim e ele deu uma "moca" "brincando" e disse

Para o Henry parar de ser "bobalhão" que era só uma brincadeira. Como Henry não estava acostumado com isso, eu pedi que fãirinho pedisse desculpas ao meu filho e que nunca mais o chamasse de "bobalhão". Não vi como algo mal-doso, era brincadeira de menino, mas meu filho não ^{estava} estava acostumado com isso.

Henry começou a solicitar mais minha atenção e fãirinho começou a me cobrar mais atenção também. Mas com todo esforço do mundo, eu me desdobrava e atendia às necessidades dos meus dois filhos (Henry e fãirinho), dando atenção ao Henry o dia todo e a Tarde, exclusivamente, e a noite, Henry ficava conosco até querer dormir. E como no quarto dele, fãirinho brigava comigo, passei a colocar Henry na minha cama, do meu quarto, que era uma King, bem larga e caberia nós 3 (com espaço). Eu empurrava a poltrona de balanço, colocando um travesseiro, ele dormia no canto (próximo ao banheiro), eu dormia no meio e fãirinho na ponta da parede.

Algumas vezes, fãirinho se incomodava porque Henry acordava muito de madrugada se não visse ninguém dormindo ao lado dele e ele gostava de ficar conversando comigo até de madrugada, pois era o momento que eu poderia estar só com ele. Mas aí, o Henry acordava e eu largava tudo para fazer meu filho adormecer de novo em paz e não perder o sono. Por muitas vezes, ele pegou seu travesseiro e foi dormir sozinho no quarto de hóspedes, porque eu dava preferência a ficar com o Henry e dormíamos brigados. ⑦

No dia seguinte ficava tudo bem. Henry passava de 3 a 4 dias na casa dos meus pais e o restante da semana ficava comigo. Quando Henry não estava, gostávamos de jantar bebendo vinho (eu preferia os brancos que eram mais leves e ele preferia os tintos). Como fairinho só dormia com uma carga de remédios muito forte, ele fazia questão que eu tomasse junto com ele, para que dormíssemos juntos e eu não ficasse acordada sozinha. Comecei a notar que nas minhas taças de vinho, sempre havia um "pozinho" branco no ~~fundo~~ fundo, mas eu achava que era do vinho, do fundo da garrafa talvez, mas eu estava enganada, até que um dia fui ao banheiro e quando voltei, peguei ele mascarando um comprimido dentro da minha taça na cozinha escondido e nem tínhamos brigado ou nos desentendido. Perguntei a ele porquê ele tinha feito aquilo e ele disse que era pra eu dormir melhor e eu comecei a brigar com ele, que não fazia sentido. E ele começou a me humilhar, dizendo que eu queria ficar acordada pra falar com homem no instagram (inventando uma história que só existia na cabeça dele), começou a me xingar, eu fui pro quarto pegar minha bolsa pra ir pra casa dos meus pais e quando fui sair ele tinha trancado as portas e escondido as chaves pra eu não sair. Eu disse que ia ligar para o meu irmão, ele tomou meu celular da minha bolsa, me segurou bem forte pelos braços e me jogou no sofá, dizendo que eu não iria a

lugar nenhum. Eu saí correndo para o quarto pra me trancar e ele veio correndo atrás, me pegou com mais força e me jogou na cama e todas as vezes que eu tentava levantar, ele me empurrava com mais força, até conseguir deixar meus dois braços roxos. Comecei a chorar e implorar que me deixasse ir para os meus pais foi quando ele deu uma joelhada na parede e começou a gritar dizendo que tinha sido eu. Fiquei apavorada com tamanho descontrole, ele ficou caído no chão, gritando e chorando dizendo que era culpa minha, que eu estava fazendo um inferno. Sendo que eu não tinha feito nada, no dia seguinte, liguei para a irmã dele me ajudar, dizendo que os remédios dele não estavam mais fazendo efeito e que ele precisava ir a um ortopedista. Mas que só iria se fosse em um médico amigo dele no Barra Life (se não me engano) chamado de Marco Antonio. Três dias depois, ele foi fazer uma tomografia de ressonância do joelho na Clínica Alta e o médico disse que a lesão tinha sido séria e que precisaria operar. O médico perguntou a ele como ele tinha se machucado e ele mentiu, dizendo que tinha caído. Após esse dia, eu disse que iria embora, que ele era muito instável e que tudo que eu fazia, por mais que eu tentasse agradá-lo não servia. Ele me pediu perdão, disse que tinha feito um investimento financeiro muito alto e emocional em cima de mim, que ele nunca tinha apresentado os filhos pra outra mulher, que ele nunca quis

morar com outra mulher na vida antes e que estava comprando um lote de terrenos no Recreio onde faríamos nossa casa, que colocaria no meu nome, que iria fazer uma poupança para o Henry, assim como ele fazia para os filhos dele, para que no futuro, ele usasse na faculdade. E assim ele ia me levando, me fazendo falsas promessas em ter uma vida familiar feliz e estruturada. E eu acreditava, não queria decepcionar minha mãe, voltando pra casa de novo.

Eu desabafava muito com a empregada e ela sempre me confortava, dizendo que era o início, que iríamos passar por aquilo e eu desabafava com minha amiga Rafaela, que ficava assustada, se preocupava comigo e me conhece desde quando foi minha estagiária na época que eu dava aula. Nos tornamos tão amigas, que quando a filha dela nasceu, Beatriz, perguntou se eu gostaria de ser a madrinha. Minha melhor amiga!

As aulas do Henry começaram de forma híbrida, em uma semana ele frequentava 3x a escola e na outra semana ele frequentava 2x, nos dias restantes as aulas eram online em tempo reduzido. O primeiro dia de acolhimento eu estava lá com Henry no meu colinho, Leniel chegou atrasado, mas estava presente conosco também. Henry estava ressentido de começar em uma escola nova. Na verdade era tudo muito novo, casa nova, hábitos novos, pessoas novas dentro de casa (fábrica, a Thainá e a Rosângela), ainda não tínhamos feito amiguinhos no condomínio e eu implorava que alguma mãe permitisse que algum filho pudesse brincar com o meu, fora da escola.

Henry queria morar em Bangue, estudar na escola antiga "Simonin", encontrar os amigos antigos e ver meus pais todos os dias. Mas tudo que estava ao meu alcance eu tentava fazer por ele. Levava e buscava Henry todos os dias que tinha aula na escola e como prêmio de bom comportamento pra ficar na escola, levava ele para ver meus pais e passar a tarde em Bangue, e no outro dia não tivesse aula, deixava ele dormir lá. Mas ainda havia muita resistência à escola nova e começamos atendimento psicológico para acatamento da separação, para essa quantidade de novidades na vida dele, para ele aceitar a escola nova e eu fazia o acompanhamento também, no horário posterior ao dele (normalmente às quintas-feiras).

O primeiro atendimento eu participei, porque ele não quis se separar de mim. Ele estava muito agitado e ansioso, pegava um brinquedo e largava, pegava outro e largava e assim foi fazendo até terminar a sessão.

Ele contou da predileção pela casa dos avós em Bangue, que amava muito o avô e que lá que a Olívia morava porque tinha um quintal bem grande pra ela correr e ser feliz. Leniel acompanhou essa primeira sessão do lado de fora, Henry não quis que ele entrasse conosco e quando acabou, Leniel levou ele para os meus pais, para eu @ iniciar a minha terapia também para complementar a dele e desabafar sobre minha vida também.

Quando terminei, fui até os meus pais, contei o que a Brica tinha me passado e Beniel pediu pra ficar lá nos meus pais com ele, já que estava em Bangue. Depois retornei para casa, me matriculei em uma academia nova no shopping metropolitano (a pedido do furiinho) porque essa era mais vazia e a outra tinha muitos homens jovens e era cheia (ele tinha ciúme e eu evitava todas as brigas que eu pudesse). Quando furiinho chegou do trabalho, fui contar toda a fúria da sessão da psicóloga, de como tinha sido reconfortante e que o Henry teria alta antes de mim já que ele verbalizava tudo e seria muito tranquilo trabalhar com ele. Mas ele "focou" em uma única coisa: que Beniel tinha ido junto e tinha ficado na casa dos meus pais com o meu filho. Ele começou a discutir comigo com ciúmes, dizendo que eu gostava, me humilhando como se eu fosse uma pessoa ruim ou que quisesse sacanear ou trair ele e quanto mais eu explicava, pior estava sendo e eu falei que iria embora de novo, que não aguentava mais tanta humilhação e fui pegar minhas malas, foi quando ele teve uma crise e começou a chutar minhas malas na sala, tomou minha bolsa e escondeu e eu corri para o quarto de hóspedes e me tranquei lá. Tranquei a janela e disse que já que eu não poderia sair eu não iria dormir com ele. Ele começou a bater na porta, esmurcar a porta, gritar, xingar, até que ele acionou a fechadura e conseguiu

entrarei no quarto e começou a gritar comigo, dizendo que
só ia parar se eu tomasse remédio e fosse dormir no
meu quarto. Já era de madrugada, eu estava muito triste
e não sabia o que fazer. Então tomei o remédio que ele me
deu e fui dormir. No outro dia, parecia que nada havia
acontecido, ele ligou pra um marceneiro que fazia reparos
pra ele, chamado Robson e no outro dia a fechadura
estava consertada. Ele não era uma pessoa ruim, mas tinha
oscilações baseadas em ciúmes que só existiam na cabeça dele
e me tratava muito mal, quando estava em crise.

Quando Henry tinha aula, eu ia cedo pra academia, fazia
uma hora de aula e depois ia buscá-lo na escola. Resolvi
então procurar um preparador físico na internet para
fazer aulas na academia e encontrei o Rodrigo, que dava
aula de futevôlei. Marcamos uma aula experimental e
enquanto Henry estava na escola, fui escondida, pois
fazrinho não poderia nem sonhar que eu estava tu-
ndo aula com um professor por ser "homem". Mas quan-
do terminei a aula e fui pegar o celular no carro,
tinha mais de 20 ligações perdidas, perguntando que
homem de blusa azul estava comigo na praia; ele sabia
de cada passo que eu dava, com quem eu estava, lia
minhas mensagens no meu celular, controlava como
eu me vestia, quando íamos encontrar os amigos dele
eu estava proibida de abraçar ou beijar, só poderia cum-
primentar apertando as mãos, tinha que me vestir adequa-
(10)

damente pois ele sempre jogava na minha cara que ele era um homem "politicamente exposto" e eu aceitei ficar com ele sabendo de todas as limitações e renúncias que eu teria que fazer. O preço que eu pagava era bem alto, mas eu estava tão envolvida emocionalmente, ele fazia tanto a minha cabeça, que eu acreditava sempre em suas palavras. Dizia que era para o meu bem, que ninguém nunca se preocupou tanto comigo, como ele se preocupava, que ninguém me amaria mais do que ele me amava e falou pra eu matricular o Henry no que eu quisesse, que ele pagaria, pra me deixar feliz. Então eu pedi que ele aceitasse também que eu fizesse as aulas de futebol, pois eu tinha ficado feliz em começar um novo esporte, eram só dois dias na semana e cedinho! Ele disse que iria pensar e depois conversávamos a respeito.

Tinha chegado a semana do calmarial, eu tinha comprado uma estante de livrinho pra colocar no quarto do Henry, dois criados mudos para o quarto de hóspedes e duas mesinhas laterais para colocar na sala, ao lado da porta de entrada.

Sempre gostei de cuidar da casa e decorar os espaços para a casa ficar aconchegante e pedi que Jairinho ligasse para o montador de móveis (que foi quem montou nosso closet e todos os móveis do quarto do Henry) para que fosse até nossa casa, montar os novos que eu tinha comprado. Entretanto, ele disse que não chamaria, pois da última vez que foi fazer um reparo no armário (e que todos nós estávamos em casa, inclusive ele, Rosângela, Henry e Thainá) eu estava usando short e ele ficou olhando e comentando, então a partir daquele dia, ele despediu o funcionário pois não

gostou da atitude desrespeitosa em relação a mim. Então, a Rosângela e a Thainá, com muita boa vontade, tentaram montar os móveis para me agradar. Conseguiram montar a estante de livros e arrumamos todos os livros do Henry no quarto e tudo que fazíamos por ele ou para ele, meu filho ficava muito grato e retribuía com muito amor e carinho.

No final da semana, na escola dele, haveria um bailinho de carnaval, então nós 3 (eu, Henry e Thainá) fomos procurar uma fantasia de anjinho para que ele pudesse usar.

Compramos fantasia, doce, nutella, brinquedos e fomos pra casa. Assistimos o filme do Luca Netto pela décima vez, cantamos, dançamos e nos divertimos muito. Henry no final da tarde pediu pra ir para a casa da avó, pois não teria aula e teria a sessão da psicóloga e eu o levei.

Quando cheguei em casa, Rosângela e Thainá já tinham montado as mesinhas laterais que ficariam na sala e para agradar o fazeijinho (que tinha muito "Toc" com limpeza e desorganização) embutiram um fio HDMI por dentro do painel do móvel onde ficava a televisão no nosso quarto, para o fio não ficar aparente. Ele chegou do trabalho, mostrei os móveis que as meninas tinham montado, lanchamos, sentamos na sala para assistir um pouco de série no Netflix e logo após o jantar, ele se dirigiu até o quarto para carregar o celular e tomar banho. Foi quando ele reparou no fio por dentro do painel... mas como o fio era curto, a televisão ficou descentralizada, puxando para o lado esquerdo. Ele ficou @ descontrolado! Começou a andar de um lado para o outro, mexendo, como se fosse algo muito ruim, a televisão não

estar centralizada e como se a culpa fosse minha, por ter deixado as meninas "tentarem agradar ele". Falei pra ele que não precisava se estressar, que eu mesma iria passar o fio pra frente e o problema estaria resolvido. Mas ele não deixou... continuou me xingando e brigando comigo! Eu não dei atenção e ele começou a xingar a Rosângela também. Que ela deveria fazer o trabalho dela, que deveria enfiar o fio dentro da "Buc..." e do "co" dela e não satisfeito, ligou tarde da noite pra coitada pra reclamar. No dia seguinte, eu e Henry tivemos psicóloga, tomei meu remédio e fui deitar, deixando ele na sala sozinho.

Eu estava adoecendo mentalmente, mas não percebia e Henry estava progredindo nas sessões (já entrava sozinho, ficava feliz, brincava com a Érica, contava histórias) e por ele eu ficava feliz também. Eu me colocava em segundo plano (desde que ele nasceu) por prazer, e a Érica dizia que eu tinha que me descobrir também, fazer o que me deixava feliz e não se esquecer da mulher que havia sonhos e vontades próprias dentro de mim, mas pra mim sempre foi muito difícil fazer essa separação, pois desde que Henry nasceu, era eu e ele para tudo. Deniel nos via aos finais de semana, então todas as maiores responsabilidades ficavam praticamente em cima de mim. Deniel só foi morar mesmo, mais tempo com a gente, na Pandemia, que ele foi ficar em casa e mesmo assim, não tinha tanta participação. Mas eu o entendia e eu me colocava em segundo plano...

É então, chegou o tão esperado bailinho de carnaval. Henry não vestiu a fantasia de anjo, pois as penas o estavam incomodando e eu coloquei a de super herói "Thor", ele foi todo contente para a escola e na hora da saída, veio mais feliz ainda, contando que brincou muito, correu, fez amiguinhos novos e que estava morrendo de fome. Fomos direto pra casa, demos almoço a ele e ele comeu tudinho. É neste dia, Rosângela e Thainá acabaram de montar os dois criados mudos que ficariam no quarto de hóspedes. Mas Henry gostou tanto do móvel, que coloquei um no quarto de hóspedes e o outro ao lado da cama dele. Lembro que foi uma festa! Ele estava muito feliz e chega a me doer só de lembrar desse dia... Ele começou a arrumar e colocar tudo que mais gostava no movelzinho novo dele. Colocou suas tintas, colas coloridas, videogame, a alexa que o avô tinha dado de natal, todas as suas moedinhas do seu cofrinho ele transferiu para a gavetinha e ficou a tarde inteira arrumando e desarrumando o quarto e o seu movelzinho. Como íamos para a casa de praia em Mangaratiba passar o carnaval lá, arrumei minhas malas, arrumei as malas do Henry, separei os brinquedos que levaríamos, separei a comida, lanches, utensílios que poderíamos precisar usar lá e pedi que Thainá ficasse com Henry para eu ir no salão, fazer uma escova no cabelo e a unha. Fatinho só chegaria em casa a noite, pra arrumar sua mala e irmos viajar.

Mas neste dia, ele chegou mais cedo! Henry estava com a Rosângela e a Thainá em casa e Thainá me enviou uma mensagem dizendo que ela e Rosângela se emocionaram, pois quando Fatinho chegou, meu filho correu até ele para dar

um beijo e um abraço. Mas que algum tempo depois, fãirinho chamou Henry para o quarto para mostrar a ele o que tinha comprado e ajudar a arrumar a fazer mala (pela vez da Thairá por mensagem pelo whatsapp) e então se trancaaram no quarto. Eu mandei ela entrar e ver o que estava acontecendo com meu filho várias vezes e ela dizendo que não queria incomodar o fãirinho (entretanto, ela era contratada pra cuidar e tomar conta do meu filho e não era contratada pra não incomodar o fãirinho, por mais que o conhecesse e trabalhasse pra ele, por anos). Ela disse que bateu na porta, que a televisão estava alta e que ninguém respondia. Continuei mandando ela entrar, até que ela me disse que a porta abriu e Henry correu pro colo dela. Nisso, fãirinho saiu de casa e me ligou, dizendo que tinha esquecido uma pasta com documentos importantes da compra de um terreno e que achava que tinha esquecido no Parraashopping e estava indo lá procurar. Falava ansioso e preocupado! Nisso a Thairá me liga de vídeo com o Henry choramingando me perguntando se ele me atrapalhava?! E eu disse que claro que não! Que ele era a razão da minha vida, quem mais eu amava neste mundo todo e que ele jamais me atrapalharia. Ele sorriu, eu disse que estava terminando e que ia pra casa.

Na mesma hora eu liguei enfurecida para o fãirinho e disse que não permitiria que ele dissesse que meu filho me atrapalhava, pois ele era um menino muito bom e nunca me atrapalhou e ele não tinha esse direito de falar isso pro ~~amor~~ Henry.

Pouco tempo depois, Thainá me manda mensagem e diz pra eu ir correndo pra casa pois o fairinho tinha chegado correndo e disse que precisava falar com o Henry antes que eu chegasse pra ~~ela~~ eu não brigar com ele. O Henry não queria sair do colo da Thainá e o fairinho ficou puxando ele pro chão da sala pra conversar. Henry rasgou a blusa da Thainá com medo, mas ela permitiu que fairinho levasse o Henry até a varanda pra conversar (rapidamente) e que Thainá via os dois pelo vidro. Nisso eu já estava chegando, pedi que Thainá desse um banho no Henry pra acalmá-lo e ela me mandou um vídeo dele mancando, mandei ela descer correndo com ele e me esperar lá embaixo, pois ia colocá-los no carro, pegaria as coisas do Henry e iríamos até Bangue.

Subi, briguei com fairinho e ele ficou sentado no sofá da sala dizendo que eu estava muito alterada e não tinha acontecido nada. Perguntei porquê ele levou meu filho pro quarto sozinho, porquê ele rasgou a blusa da Thainá e porquê ele estava mancando e assustado? Ele me explicou que chamou Henry pra ver o que ele tinha comprado e arrumou as malas, que colocou Henry em cima da cama, ⁽¹³⁾ ligou no desenho, mas que Henry ficou assustado porque ele fechou a porta pra ir ao banheiro e Henry saiu correndo,

escoregou da cama e bateu o joelho no chão. Que não tinha acontecido nada. E eu o perguntei porque ele não ajudou meu filho a se levantar? Então ele me disse que não deu tempo, pois Henry correu para os braços da Thainá e ele teve que sair pra procurar o documento que tinha perdido. Mas que quando eu liguei pra ele, brigando, dizendo que ele estava proibido de dizer que meu filho me atropelava, ele foi correndo pra casa conversar com Henry.

Peguei as coisas do meu filho e fui para a casa dos meus pais. No carro perguntei se Henry estava bem, olhei o joelho, olhei o corpo dele, não havia marca, nem roxo e perguntei ao Henry o que tinha acontecido, pra ele confiar na mamãe e me contar toda a verdade. Ele só falou que quando chegasse em Bangue me contaria, que ele estava muito cansado e queria dormir. Encostou no colo da Thainá e adormeceu. Eu fiquei desesperada, chorando, não sabia o que pensar ou o que fazer e a Thainá foi a primeira a falar pra esperar o Henry acordar e me contar toda a verdade.

Chegamos em Bangue, mas Henry dormiu direto. Contei para os meus pais, para o meu irmão e ficaram preocupados, mas não tinhamos certeza porque o Henry não tinha nenhuma machucadura e ainda não tinha nos contado o que havia acontecido.

Preciso prestar novo depoimento, pois fui orientada a mentir sobre a noite da morte do meu filho. Fui treinada por dias para contar uma versão mentirosa por me convencerem de que eu não teria como pagar por um advogado de defesa e que eu deveria proteger o faquirinho, já que ele se dizia inocente. Só pude entender o relacionamento que eu estava vivendo quando fui presa e a maior perda e a maior pena que eu poderia ter em minha vida foi a morte do meu filho amado, Henry. Não há um dia em que eu não sofra por não tê-lo comigo. Minha vida não tem mais sentido, não existem mais sonhos e nem planos. Eu só queria o meu filho de volta! E faria qualquer coisa pra acordar e dormir com ele todos os dias.

Depois que Leuiel me entregou Henry no domingo, ele estava chorando muito, pois realmente não queria subir.

Mas eu estava morrendo de saudades dele; o convenci, ele se acalmou e veio para o meu colo. O faquirinho estranhou a demora, e como tinha ciúmes do Leuiel, desceu para ver o que estava acontecendo. Eu não gostei quando me deparei com ele na porta do elevador e não trocamos nenhuma palavra por isso. Subimos, Henry não quis jantar, nem lanchar, nem tomar a mamadeira. Ele

Simplesmente pediu pra dormir no meu quarto, pois lá o "tio baixinho" não brigava comigo. Meu filho só tinha 4 anos, mas era muito sensível, não gostava de brigas e sempre que podia, tentava me proteger. Ele era realmente um anjo de Deus!

Dei banho nele, levei ele até o meu quarto, coloquei o pijama de manga comprida e calça comprida, empurrei a poltrona até a beira da cama pra ele não cair e o fiz adormecer. Voltei para sala, continuar vendo a série que estávamos assistindo e entre 20:00 (aproximadamente) e 00:00 (aproximadamente), Henry acordou 3 vezes e eu fui colocá-lo pra dormir novamente.

Quando cansamos de assistir a série, por volta de 01:30 da manhã, disse pra irmos ao quarto dormir. Ele falou pra irmos um pouco até o quarto de hóspedes para conversar um pouco. Ligar a televisão num canal qualquer, baixinho, ligou o ar condicionado, me deu 2 medicamentos que ele estava acostumado a me dar, pois dizia que eu dormia melhor (Patz e Rivotril de 2mg), mas eu não o vi tomando. Logo, eu adormeci, acho que nem chegamos a conversar. De madrugada ele me acordou, dizendo pra eu ir até o quarto, que ele

pegou o Henry do chão, o colocou na cama e que meu filho estava respirando mal. Fui correndo até o quarto, meu filho estava de barriga pra cima, descoberto, com a boca aberta, olhos olhando para o nada e pensei que tivesse desmaiado. Pedi pro fairinho olhar ele, mas ele passou por nós pra ir até o banheiro! Notei que Henry estava com as mãos e os pés gelados e perguntei como ele tinha visto Henry caído no chão?! Ele disse que escutou um barulho que chamou sua atenção e acordou pra ver. Que Henry tinha caído da cama! Então enrolei o Henry numa manta e corremos para a emergência do Barra D'Or. Mas em nenhum momento eu achava que estava carregando meu filho morto nos braços.

Na emergência do Hospital, foram os minutos, segundos e horas mais desesperadoras que eu já pude vivenciar na vida. Eu orava, apitava, implorava

Henrique Frederico da Costa e Silva
Rio de Janeiro, 23 de Abril de 2021.